

The book cover features a vibrant, stylized illustration of two young men sitting on a rooftop or balcony, holding hands and looking out at a sunset over the ocean. The sky is a mix of orange, pink, and purple, with a bright sun partially obscured by clouds. In the distance, a city skyline is visible across the water. A satellite or rocket is depicted in the upper left corner, leaving a long, glowing trail. The overall mood is contemplative and hopeful.

O ESPAÇO ENTRE NÓS

PHIL STAMPER

 FARO
EDITORIAL

O
ESPAAÇO
ENTRE NÓS

PHIL STAMPER

TRADUÇÃO
SANDRA MARTHA DOLINSKY



FIRST PUBLISHED IN THE UNITED STATES OF AMERICA IN FEBRUARY 2020 BY BLOOMSBURY YA
TEXT COPYRIGHT © 2020 BY PHIL STAMPER
THIS EDITION PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH TRIADA US
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**

Assistente editorial: **LETÍCIA CANEVER**

Preparação: **DANIELA TOLEDO**

Revisão: **JOÃO PEDROSO E CRIS NEGRÃO**

Ilustração do miolo: **SHUTTERSTOCK**

Adaptação de capa e diagramação: **SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Stamper, Phil

O espaço entre nós / Phil Stamper ; tradução de Sandra Martha Dolinsky. — 1. ed. — São Paulo: Faro Editorial, 2022.

224 p. : il.

ISBN 978-65-5957-240-3

Título original: The gravity of us

1. Literatura infantojuvenil norte-americana 2. LGBTQI+ – Ficção
I. Título II. Dolinsky, Martha

22-5119

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil norte-americana



1ª edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



The background of the page is a white space filled with various celestial elements. There are several circular images of Earth from different angles, some showing the dark side. A rocket is depicted launching from the right side, leaving a trail of white smoke and small grey particles. The entire scene is peppered with small, dark, triangular shapes that resemble stars or distant galaxies.

CAPÍTULO 1

— Em casa, sou o invisível. Na escola, sou o bizarro. Mas para o resto do mundo, sou um jornalista.

Tenho uma sensação específica – um nó no estômago, uma dificuldade de respirar – toda vez que escrevo uma matéria, abro o aplicativo FlashFame e transmito ao vivo para meus quatrocentos e trinta e cinco mil seguidores.

Enquanto desço do trem Q na estação da Times Square e vou até a saída, organizo meus pensamentos. Respiro fundo e sorrio. Segurando o celular na frente do rosto, repasso na cabeça o plano para minha matéria semanal sobre Nova York. Do que falar, por onde andar...

— E aí! — grito para o celular e dou um sorriso, enquanto os passageiros atrás de mim vão desaparecendo. — Sou o Cal, bem-vindos a mais uma atualização de fim de semana. Tudo devagar no front de notícias de Nova York: assassinatos e crianças sequestradas, tudo normal. Mas no noticiário nacional, uma coisa se destaca: a busca pelo vigésimo e último astronauta a ser incorporado ao projeto Orpheu.

Na câmera frontal, vejo a cidade passando: uma massa de outdoors, lojas, táxis e bicicletas. Tento não deixar transparecer a tensão em meu sorriso e recorro a mim mesmo que até os repórteres mais experientes têm que relatar o que seus espectadores mais querem ouvir. E segundo os comentários que recebo, não há dúvida: as pessoas querem saber as últimas novidades. E não é surpresa nenhuma; só se fala disso ultimamente. Seis pessoas vão colocar os pés em Marte, o que despertou um interesse que o programa espacial não recebe há décadas.

— O astronauta em questão será escolhido nas próximas semanas, e depois, irão todos para Houston para disputar um lugar na espaçonave Orpheu V, a primeira missão tripulada a Marte.

Se meu desempenho não for digno de um Oscar, vou ter um ataque. Sabe quando a gente diz que está muito feliz com alguma coisa, mas, no

fundo, prefere vomitar em um balde a ter que falar sobre isso? Esse sou eu com as missões a Marte. Odeio esse assunto.

Mas as pessoas estão tão envolvidas com o drama em torno dessa missão que parece até o último episódio de *Real Housewives*. Esse é o meu dilema: quero relatar coisas que interessam às pessoas? Quero. Quero mais seguidores e espectadores? Também.

— Um representante da StarWatch falou sobre a busca hoje — continuo —, mas não há fofocas novas sobre os candidatos.

Após meu breve e obrigatório relatório da NASA, puxo o assunto de volta à cidade de Nova York; ofereço recomendações para os maiores eventos do fim de semana: festas, feiras de agricultores e coisa e tal. Tudo isso enquanto observo o aumento na contagem de espectadores ao vivo.

Já fiz matérias locais, nacionais e até mundiais. Cobri um ano inteiro de eleições estaduais e municipais, participei de comícios de candidatos ao Senado e à Câmara em três estados, inclusive daqueles extremamente incompetentes que achavam que micro-ondas causavam câncer.

Eu me sentia impotente toda vez que abria o aplicativo agregador de notícias, mas fazer reportagens dava uma plataforma para minha voz, e isso repercutia nas pessoas.

Enquanto os noticiários de TV a cabo adaptavam suas matérias para se adequar a seus seguidores e soltavam besteiras sensacionalistas como *Trump é homofóbico? Entrevistamos um eleitor homofóbico de Trump para saber a opinião dele*, minhas matérias cobriam as notícias *reais*. De maneira crua e imparcial.

Como quando o candidato republicano ao senado de Nova York amarelou e se recusou a debater e a falar com a imprensa até a noite da eleição, mas não viu problemas em atacar seus oponentes no Twitter. Um dia, vazou que ele havia sido visto na cidade, então, *eu* dei uma vazada da escola e fiquei esperando em frente ao restaurante onde ele estava.

Comecei incógnito, com meu celular no bolso da camisa, e fiz perguntas leves. Ele respondeu, até que eu trouxe à tona a investigação pendente de peculato, as acusações de assédio sexual e a recente mudança na equipe que poderia estar relacionada a qualquer uma das duas questões.

No final, persegui sua limusine pela Quinta Avenida, e ele me xingou — e também meus cinquenta mil espectadores — ao vivo.

Preciso nem dizer que ele não ganhou a eleição.

Hoje em dia, planejo com cuidado meus vídeos da semana. Um dia notícias nacionais, outro focado nas questões adolescentes, com algumas histórias pessoais polvilhadas aqui e ali. Então, faço as atualizações

de Nova York. Mesmo não tendo o maior número de visualizações, são as minhas favoritas. Sou eu, a cidade e quatrilhões de nova-iorquinos e turistas ao fundo.

A câmera frontal começa a mostrar o quanto a umidade está afetando meu cabelo – perfeito antes –, e se eu não encerrar logo, vou parecer um maníaco.

— Nossa, acho que tinha muita coisa para falar hoje, porque — eu afasto a câmera frontal e dou aos meus espectadores uma imagem panorâmica do entorno, o misto de tijolos e concreto dos prédios altos de todos os lados — já estamos na 38 com a Broadway.

Essas transmissões sempre começam na ponta norte da Times Square, e eu costumo andar pela Broadway até não ter mais o que dizer, ou até minha voz começar a falhar. E mesmo no último caso, sou famoso por submeter meus espectadores à verdadeira experiência de Nova York: compro uma água com gás na rua – depois de barganhar o preço até chegar a uma quantia razoável, claro.

— Então é isso. Fiquem de olho na matéria do FlashFame para saber por que vou vasculhar as ruas do Lower East Side.

Abro um sorriso malicioso quando encerro a transmissão e solto um suspiro profundo enquanto deixo minha marca jornalística.

Pego o trem F na 34 em direção ao Brooklyn, que é a única maneira de chegar ao Lower East Side de onde eu estava. Turistas bloqueando as portas do metrô quando o trem faz as paradas de três minutos entre as estações e o ar-condicionado soprando ar morno em meu pescoço faz com que o charme da cidade diminua um pouco.

Chegam as notificações do meu vídeo, que foi assistido ao vivo por cerca de oitenta mil pessoas. Mas, não sei como, o FlashFame sabe quais comentários destacar, principalmente aquele que vai machucar mais fundo meu coração.

JRod64 (Jeremy Rodriguez): Amei! ♡

Quanto tempo leva para superar alguém que a gente mal namorou? Que ironia ele “amar” meus posts, se não pôde nem se comprometer a “gostar” de mim, é o que penso, e a raiva queima dentro de mim.

Mas diminui conforme ando pelas ruas do Lower East Side, onde os altos edifícios do centro da cidade desapareceram, substituídos por prédios baixos de tijolos com escadas de incêndio, elevando-se sobre tudo, desde mercearias abandonadas até padarias veganas artesanais. Confiro de novo o endereço e desço as escadas até uma loja escura e sem janelas.

— Meu Deus, Calvin, aí está você! — diz Deb.

Ela sempre usa meu nome inteiro. Usa o nome inteiro de todo mundo, menos o dela mesma, na real; diz ela que é porque Deborah é nome de velha.

— Estou aqui desde que você encerrou a transmissão. Os donos dessa loja de cassetes gostam *muito mesmo* de falar sobre cassetes, e eu não tive coragem de dizer a eles que estou aqui só para te ajudar. Acho que eles sabem que sou uma fraude.

— Eu pagaria só para ver você fingindo ser fã de cassetes.

Esse pensamento me faz rir.

— Não é difícil, é só repetir as bobagens que você diz: “o som é muito mais suave” e tal. Eu estava indo bem, até que ele me perguntou o modelo e o ano do meu aparelho de som.

Enquanto Deb espera, impaciente, atrás de mim, dou uma olhada na coleção. Prometi a ela um donut vegano – ou uma dúzia – da padaria do outro lado da rua em troca de vir olhar as fitas comigo. Infelizmente, nada aqui me chama a atenção.

Pego umas fitas da banca de um dólar com base apenas na capa – homens com cabelos lindos e esvoaçantes dos anos 1980, trilhas sonoras de filmes com capas antigas estilo VHS – e pago as fitas retrô, sem ironia, usando meu iPhone.

— Finalmente — diz Deb, saindo às pressas da loja de cassetes. — Que lugar estranho! Você é estranho.

— Tenho noção das duas coisas, mas valeu.

Serpenteamos pelo Lower East Side, que não é tão diferente do nosso Brooklyn. Tá, é um pouco mais sujo, e há menos crianças no caminho, mas, por outro lado, dá para ver as semelhanças.

— Adoro esse lugar — diz Deb.

— Pois é, é legal para coisas aleatórias como aquela loja de cassetes — digo, dando de ombros. — Ouvi dizer que vão abrir uma daquelas padarias que a gente gosta aqui.

— Nossa! — exclama. — Imagina se não abríam.

Entramos em uma padaria pequena, com não mais que cinco bancos. Os dois padeiros se espremem atrás do balcão, e começo a ficar com claustrofobia por causa deles. Mas quando olho em volta, vejo vislumbres do bairro em cartazes colados nas paredes. Aulas de ioga, ofertas de serviços de babá, aulas de piano, grupos de escritores. Olhando lá para fora, vejo cartazes de protestos, bandeiras do orgulho LGBTQIA+ de todos os tipos, adesivos de campanha antigos, das últimas eleições.

Nova York consegue fazer a gente se sentir em casa, não importa onde estejamos. Basta sair à rua e algum bairro nos reivindica como um deles.

— Como exatamente se faz uma coalhada de limão vegana? — pergunta Deb, fascinada. E percebo que estou sentindo falta de vê-la assim tão à vontade. Antes que o padeiro possa responder, ela continua: — Este lugar é incrível! Vou levar uma dúzia, acho que quero literalmente um de cada sabor. É demais? — pergunta ela a ninguém em particular.

Eu sou vegetariano, mas ela é totalmente vegana, e está no céu. Veganos têm má reputação, mas Deb sempre foi pé no chão com isso. Ela abraça o veganismo, mas não a ponto de tratá-lo como um culto.

Isso também significa que *temos* que ir a cada novo restaurante vegano, padaria, barraca e festival no instante em que abre. Mas eu não acho ruim.

— Vai dividir comigo, né? — pergunto.

— Meu Deus do céu! — diz ela, depois de morder um donut. — Se forem todos tão bons que nem este de coalhada de limão, não.

Vamos sem pressa caminhando em direção ao Brooklyn, sem nenhum destino fixo em mente. É muito longe para ir andando até o fim, mas o dia está surpreendentemente bom, e eu não estou com pressa. E *sei* que Deb também não.

— Você não deveria ter pagado — diz Deb. — Eu trabalho, cara, você não precisa mais me salvar.

Fico corado.

— Eu sei, não foi por isso. É que deixei você sozinha naquela lojinha de cassetes, tão indefesa que teve que fingir que era uma de nós para não se sentir deslocada. Pelos horrores que você deve ter tido que enfrentar, é o mínimo que posso fazer.

O que não digo é que sei que ela está economizando cada centavo do salário. Deb trabalha mais que qualquer pessoa que conheço. Se eu pudesse ajeitar sua vida doméstica, ajeitaria. Mas enquanto não pudermos fugir de nossas respectivas gaiolas, só o que posso fazer é pagar coisas para ela.

— Um World Trade. Estamos chegando no centro turístico — digo. — Vou tirar umas fotos para a minha matéria do Flash, depois pegamos o trem.

Não dá para ver o sol, uma série de nuvens baixas passa, dividida ao meio pelo edifício brilhante. É uma tarde perfeita em Nova York, mas sinto um aperto no peito porque me lembro do que me espera em casa. Pegamos um trem e trocamos um meio sorriso; sei que estamos pensando a mesma

coisa. Há uma grande chance de a noite de um de nós, ou de ambos, ser estragada por nossos pais.



Voltamos ao Brooklyn em tempo recorde. A ansiedade aperta meu peito enquanto subo as escadas até a entrada do prédio, e sei que Deb costuma sentir o mesmo. Para ser bem honesto, eu adoraria ter atrasado por mais alguns minutos as inevitáveis conversas embaraçosas e brigas acaloradas que me esperam em casa. Não que as discussões se dirijam a mim, mas estão ao meu redor. Sempre ali.

Desgastando nossa família.

Me separo da Deb no terceiro andar do nosso prédio. Meus ombros vão ficando tensos – apertados, comprimidos –, enquanto subo as escadas, de dois em dois degraus, até meu apartamento. Antes mesmo de chegar à minha porta com o onze brilhante, ouço os gritos.

Nem sempre foi assim.

Coloco a chave na fechadura e, com um suspiro pesado, giro-a.

Uma carranca cai sobre meu rosto quase na mesma hora. Bato a porta para anunciar minha presença, mas isso não muda as coisas, não impede nada. Quero que estar em casa *signifique* alguma coisa. Quero que... não sei direito. Quero não me sentir impotente quando eles estão assim. Tento escapar em meu celular, mas as notificações são, de novo, cheias de perguntas sobre... os astronautas.

Suspiro enquanto passo por elas.

kindil0o (Chelsea Kim): Oi, sou sua fã. É impressão minha ou você parou de traçar o perfil dos astronautas? Eu adorava suas lives, ainda adoro, mas queria ver mais das suas coisas antigas. Vamos chegar a Marte ou não? Você falou só uns trinta segundos sobre a busca pelo novo astronauta!

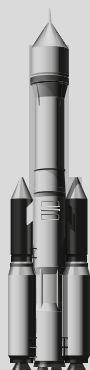
Silêncio a notificação. Claro que meus seguidores iam perceber que meus conteúdos sobre a NASA são curtos, que meus olhos se afastam da câmera quando menciono a busca pelos novos astronautas.

Todo mundo quer saber por quê, e estou olhando para o motivo: meu pai acabou de voltar de Houston, da rodada final de entrevistas com a NASA.

Se ele conseguir, eu jamais vou escapar dessa missão.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do
vírus HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM SETEMBRO DE 2022

